

PROSSEGUINDO EM FRENTE UMA OBRA DE REAVIVAMENTO

— Robert H. Pierson —

O CONVITE para um reavivamento e reforma tem sido feito em cada Conselho de Outono desde 1966. Esse convite não tem encontrado ouvidos surdos. O Espírito Santo tem estado a trabalhar nas vidas do povo de Deus em todo o mundo.

Há muito — oh, tanto — ainda para fazer, mas a evidência da acção do Espírito intercessor de Deus constitui um grande encorajamento. Desejo partilhar algumas experiências convosco.

Um presidente de União escreve: "A resposta da nossa União ao apelo do Conselho de Outono foi tremenda; os nossos membros olham com coragem para cima. Eles acreditam no programa estabelecido e antevêm grandes dias de vitória".

"Uma nova atmosfera de determinação e de expectativa reina na nossa Conferência", escreveu-me um presidente de Conferência da América do Norte.

"Durante as últimas semanas tenho notado um reavivamento evangélico. A minha congregação tem-se deixado impulsionar; desejo testemunhar-lhe por este meio a minha alegria", afirmou um dos pastores de Michigan.

Acabo de receber uma carta de José H. Figueiroa, Jr., presidente da Conferência de Porto Rico Ocidental. Nela se afirma: "Como resultado do ênfase que temos dado ao plano de reavivamento e reforma, tem-se suscitado uma busca sincera de santificação da parte de grande número dos nossos membros. Os resultados imediatos exprimem-se em mais de 600 almas agregadas à Igreja, cinco novas Igrejas organizadas, e duas novas igrejas dedicadas este ano. Um espírito genuíno de sacrifício faz-se sentir nas nossas Igrejas".

Os leigos sentem igualmente o frémito de uma nova experiência. "Sentimos que algo está a acontecer entre o nosso povo", escreve um

membro de Igreja de Florida. "Aqui na nossa Igreja verificamos um espírito sério novo entre os nossos membros, como nunca antes foi visto".

Recentemente numa das nossas igrejas da América, teve lugar um Conselho tempestuoso. Então algo de maravilhoso aconteceu. Um amigo meu faz a seguinte descrição: "De repente houve silêncio na sala. Tornava-se evidente para cada membro presente, incluindo o pastor, que presenciavam uma manifestação do poder divino. Uma irmã levantou-se e confessou os seus maus sentimentos contra a sua vizinha. Uma segunda irmã se seguiu, e ainda outra, até que se fez sentir na sala o fogo do reavivamento. Vários membros atravessaram a sala abraçando-se e confessando abertamente os ressentimentos de uns para com os outros. E esta reunião que tivera início às oito da noite, transformou-se numa reunião de comunhão triunfal, que durou até à uma e meia da manhã."

Esta experiência teve tal impacto em dois desses membros, que não resistiram em fazer um telefonema interurbano de longa distância a um amigo meu, contando o que o Senhor fizera pela sua Igreja. O telefonema durou uma hora e cinco minutos. O meu amigo resumiu assim o que ouviu: "A Igreja encontra-se em harmonia. Os santos estão felizes, e o Espírito Santo ainda está com a Sua Igreja".

Na União do Pacífico foi feita uma série de conferências bíblicas de 2 a 6 de Outubro. Os objectivos destas conferências eram claros: Preparar o terreno para um despertamento espiritual no começo do ano lectivo; obter uma visão de conjunto do potencial de jovens e a sua capacidade em dar testemunho. Às reuniões assistiram dirigentes da juventude, e os directores das escolas de toda a União.

Quais foram os resultados? W. O. Baldwin, um dos secretários de educação da União do Pa-

(Continua na página 18)

SUMÁRIO

- Prosseguindo Em Frente - Uma Obra de Reavivamento
- Objectivo e Realização da Semana de Extensão Missionária
- O Período Profético dos 1.260 Dias de Daniel e Apocalipse
- Caixa de Perguntas
- Através do Mundo Adventista
- Os Adventistas do Sétimo Dia e os Conselhos Nacional e Mundial das Igrejas
- Notícias do Campo
- República do Tchade Alvo das Nossas Atensões
- Calendário da Igreja
- O Espírito de Sacrifício

SETEMBRO DE 1970
ANO XXXI - Nº 288

Director e Editor:
ERNESTO FERREIRA

Administrador:
D. S. R. VASCO

Corpo de Redacção:
A. CASACA, E. FERREIRA,
J. M. MATOS, M. MIGUEL,
O. COSTA E P. RIBEIRO

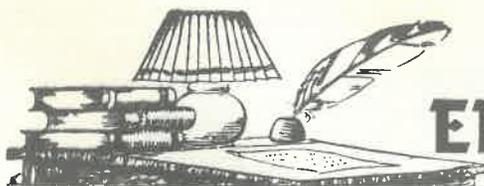
Proprietária:
UNIÃO PORTUGUESA DOS
ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

Redacção e Administração:
RUA JOAQUIM BONIFÁCIO, 17
LISBOA

Texto inteiramente dactilografado
e impresso pelo sistema de
duplicação "off-set".

Número avulso: 5\$00
Assinatura anual: 50\$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Página
EDITORIAL

OBJECTIVO E REALIZAÇÃO DA SEMANA DE EXTENSÃO MISSIONÁRIA

No calendário da Igreja Adventista figura uma semana, em tempos passados conhecida por Grande Semana, actualmente designada Semana de Extensão Missionária, que este ano tem lugar de 10 a 17 de Outubro.

O seu objectivo é sempre um projecto missionário, tal como a construção de uma escola, de um hospital ou dispensário, de outro edifício de um Campo mais necessitado, que desta vez é o Tchad, como se lê noutra local deste número da Revista Adventista, e para o próximo ano será Cabo Verde.

O modo de atingir este objectivo podia ser uma simples colecta ou oferta, mas a Igreja Adventista ideou um método que, providenciando os fundos necessários, oferecesse a todos os membros de Igreja uma oportunidade de desenvolver a sua experiência religiosa e de levar a mensagem a milhares de pessoas.

Esse método é o da publicação de um livro religioso preparado cada ano para o efeito, do qual cada membro se compromete a colocar alguns exemplares entre seus amigos e conhecidos.

A experiência realizada em 1969 com o livro "Achei o Caminho" foi deveras encorajadora. Várias Igrejas teriam colocado mais livros se de mais exemplares pudessem ter disposto.

O livro preparado para 1970 é "A Vida de Jesus", de E.G. White.

Trata-se de uma obra que pode ser colocada sem receio nas mãos de qualquer pessoa, seja qual for a sua confissão religiosa. Para avaliar acerca do interesse desse livro, basta lembrar que só no Brasil foram publicados para cima de quatrocentos e oitenta mil exemplares. Vários colportores se têm especializado na sua venda, não podendo trabalhar sem esta obra. Apesar da sua simples mensagem, muitas almas têm sido atraídas para a Igreja Adventista e para Cristo por seu intermédio.

O êxito da Campanha deste ano depende do entusiasmo com que obreiros e membros a ela se dedicam.

Se dissemos que se trata de um plano difícil, que a Igreja não tem possibilidade de levar à frente, o que aliás não corresponde à verdade, é muito provável que fracássemos.

Mas se, de acordo com a verdade, nos convencemos de que o plano é de fácil execução, constitui um privilégio para quem a ele se dedica e resultará em benefício directo para quem adquirir o livro e em benefício remoto para o projecto missionário em vista, então a Semana de Extensão Missionária deste ano registará um verdadeiro êxito.

Que assim seja para participação de todos vós e, acima de tudo, para glória de Deus.

Ernesto Ferreira

O PERÍODO PROFÉTICO DOS 1.260 DIAS DE DANIEL E APOCALIPSE

— Joaquim Dias —

- Daniel 7:25; 12:7;
- Apocalipse 11:2,3; 12:6,14; 13:5

A PRIMEIRA vez que encontramos uma referência a este período profético é em Dan. 7:25 sob a forma de "um tempo, tempos e metade de um tempo". Mais adiante, ainda em Daniel, e depois em Apocalipse, são mencionados períodos proféticos sob a forma de "quarenta e dois meses" e de "mil duzentos e sessenta dias". Em geral todos os comentadores, tanto adventistas como outros, juntam estas sete passagens e concordam que todas se relacionam com o mesmo assunto. Com efeito, sobre Apoc. 12:6 podemos ler no Comentário Adventista: "Este período de 1.260 dias é referido sete vezes nos livros de Daniel e de Apocalipse. Sob a forma de 1.260 dias aparece em Apoc. 11:3; 12:6; sob a forma de 42 meses aparece em Apoc. 11:2; 13:5; e sob a forma de 3,5 tempos aparece em Dan. 7:25; 12:7 e Apoc. 12:14" (1). Encontramos a mesma ideia na "Bible Annotée" a propósito de Dan. 7:25 e 12:7, onde podemos ler: "Se se dá à palavra tempo o sentido de ano e contando o mês de 30 dias, este número equivale àquele de 1.260 dias, que se encontra frequentemente em Apocalipse, quer seja sob a mesma forma (XI, 3; XII, 6), quer seja sob a forma de 42 meses (XI, 2; XII, 5), ou então sob a forma de 3,5 tempos (XII, 14). Sem querer abordar já este aspecto, reparemos, no entanto, na interpretação deste comentário de origem protestante sobre o período em causa: '... Parece designar em Apocalipse o tempo de domínio que deve ser concedido ao anticristo. Segundo Dan. VII, 25, é o período de tempo que deve durar o poder do rei perseguidor.'" (2).

Uma vez identificadas e reunidas estas passagens, iremos ver alguns pormenores sobre: o princípio de "um dia igual a um ano", as datas do começo e do fim deste período, e finalmente uma vista geral sobre os principais aspectos deste período, quer dizer, a perseguição movida contra o povo de Deus, a protecção de Deus para com a Sua Igreja e a função dessa mesma Igreja durante esse período.

O PRINCÍPIO "UM DIA = UM ANO"

É bem evidente que no domínio profético há muitos aspectos que se apresentam sob uma forma simbólica. Neste caso dos 3,5 tempos, se quizessemos, recorrendo a Dan. 11:13, encará-los como três anos e meio, não poderíamos mesmo assim tomá-los num sentido literal, porque segundo Dan. 12:4 passar-se-ia bastante tempo até à sua realização; seria necessário

chegar o "fim do tempo". Apesar de só haver duas passagens que falem no princípio de "um dia = um ano", é extraordinário como houve sempre, desde o princípio da nossa era, um bom número de comentadores que viram este simbolismo e aceitaram o princípio "um dia = um ano". Já no fim do primeiro século havia entre os judeus quem o admitisse. "O princípio: um dia profético = um ano solar, foi admitido bastante cedo pelos exegetas judeus. Froom (II, 1948, p. 194) dá uma lista de trinta autores, dos quais mais de vinte aplicaram este princípio aos números simbólicos de Daniel. À cabeça (sob o nº 3) figura Aquiba ben Joseph (c. 50-c. 135), rabino da Palestina" (3). Segundo uma visão que S. Cipriano teria tido e que nos é contada pelo seu biógrafo Pontius, somos inclinados a crer que este princípio, por meados do terceiro século, era também admitido por S. Cipriano e pelos seus contemporâneos. Trata-se duma visão sobre a sua condenação à morte; S. Cipriano teria pedido o prazo dum dia para arrumar certos assuntos e isso foi-lhe concedido. "Pontius esforça-se em demonstrar que a visão realizou-se ponto por ponto; porque a palavra dia designava aqui um ano e o bispo de Cartago morreu precisamente um ano depois desta advertência" (4). Progredindo na nossa era vamos encontrar outra personagem partidária do mesmo princípio. Com efeito, "Saadia ben Joseph (882-942) autor dum comentário inédito sobre o livro de Daniel, já tinha pressentido o valor simbólico dos três tempos e meio de Daniel 7 e 12" (5).

O autor já referido Froom, no seu livro "The Prophetic Faith of Our Fathers", apresenta-nos, entre um certo número de autores que escreveram sobre as profecias, uma lista dos que admitiram e escreveram sobre o princípio "um dia = um ano". No volume I, p. 894 apresenta-nos o abade Joaquim (c. 1248) e Pierre Jean d'Olivi (1298). No volume II, p. 156, aparece Walter Brute (c. 1393); ainda no mesmo volume, p. 528, aparece George Nigrinus (1570), Heinrich Bullinger (1557), John Napier (1593); na página 530 do mesmo volume aparece Andreas Osiander (1545), Mathias Flacius (1556), Alfonso Conradus (1560), John Bale (1550) e Thomas Brihtman (1614).

À parte a referência à visão de S. Cipriano, que nos é contada pelo seu biógrafo Pontius, até ao abade Joaquim, todos os autores que tinham escrito sobre o princípio "um dia = um ano" eram judeus. Será interessante notar quando os autores cristãos aderiram a este princípio. "No meio cristão foi o abade Joaquim (Giovani dei

Gioacchimi) o primeiro que deu aos 1.260 dias o valor de 1.260 anos. (Ver o seu Esposito super Apoc., Ven., 1527, p. 131, onde o princípio é estabelecido; Cf. Concordia Vetris et Novi Testamenti, Ven., 1519, II, 16, Fol. 12 e V, 118, f. 134-135, onde a regra é aplicada aos 1.260 dias). Joaquim atribuía uma grande importância a este número. 'É baseado neste número — dizia em 1305 Ubertino de Casale — que o abade Joaquim fundou as suas revelações'. (Ver Arlon Vitae Crucifixae Jesu, trad. ital. por Fausta Casalini, Lanciano, 1937, p. 177)" (6).

Este problema tão debatido e tão importante na interpretação das profecias bíblicas, é há muito tempo um princípio estabelecido, e o que nos dá ainda maior autoridade para o apresentar é que não foi estabelecido pelos adventistas, mas sim por autores judeus, católicos e protestantes, muito tempo antes que os adventistas tenham aparecido. Podemos afirmar com o professor Vaucher que "o carácter simbólico dos 1.260 dias-anos da profecia apocalíptica foi posto fora posto fora de dúvida por Louis Gausson (nas suas Lições sobre o profeta Daniel, III, 1849, p. 332-345)" (7).

O COMEÇO E O FIM DESTE PERÍODO

Depois de se estar de acordo sobre o princípio: "um dia = um ano", entre muitos outros problemas há um muito importante, que se impõe, talvez mesmo o mais importante de todos: Quando começa a terminar este período profético? Com efeito, este período profético é de grande importância para a Igreja Adventista, porque ele nos permite provar ao mundo que a Igreja à qual pertencemos não apareceu com 19 séculos de atraso, mas que o seu aparecimento, a sua organização e a sua acção com uma mensagem, é um seguimento normal e consequente das profecias. Esta Igreja não podia aparecer antes nem depois, porque se durante um certo período o povo de Deus foi perseguido, refugiava-se no deserto, no fim do mesmo período o poder perseguidor seria perturbado e "a mulher", ou seja o povo de Deus, sairia do deserto para profetizar, não mais "vestida de saco", mas como "um anjo a voar pelo meio do céu tendo o evangelho eterno, para o proclamar aos que habitam sobre a terra, e a toda a nação, e tribo, e língua e povo" (8).

Sobre o começo e fim deste período profético no Comentário Adventista podemos ler a seguinte declaração: "...Os Adventistas geralmente colocam este período entre 538 e 1798. Durante este período a mão de Deus estava sobre a Igreja, preservando-a da extinção" (9). Esta afirmação, apesar de ser certa, não tem valor apologetico, porque à primeira vista pode ser qualificada de tendenciosa. Somos tentados a fazer as seguintes perguntas: São os adventistas os únicos a localizar este período profético entre estas datas? Quem foram os primeiros a pensar nisso e a fazê-lo?

Froom, sobretudo no segundo volume da sua obra já citada, mostra-nos como esse poder

perseguidor, o anticristo, agiu; mostra-nos ainda como surgiu a Reforma e uma plêiade de homens que se dedicaram ao estudo das profecias e como as compreenderam e anunciaram os termos deste período profético. Nos quadros (Vol. II, p. 784-787) onde nos são apresentados trinta e cinco dos principais comentadores, da época post-Reforma, sobre Daniel e Apocalipse, verifica-se, que pelo menos quatro compreenderam e pregaram que este período profético dizia respeito ao domínio papal e que começava e terminava respectivamente em 538 e 1798.

Vejamos alguns documentos destes testemunhos:

a)- George Bell — "Em Londres, na Revista Evangélica de 1796 apareceram dois brilhantes artigos de George Bell sob o título 'Downfal of Antichrist', escritos em 24 de Julho de 1795... Ele conclui: 'Se isto é uma aplicação correcta dos acontecimentos da profecia, então o anticristo apareceu por volta de 537, ou no máximo, no ano 553. Ele manteve-se 42 meses, ou 1.260 dias proféticos, Apoc. 13:5; por conseguinte, nós devemos esperar a sua queda por volta do ano 1798 ou 1813" (10).

b)- Simpson (1745-1749), teólogo e escritor metodista: — "Tem-se razão, em face da maneira como as coisas se apresentam, para supor que o período profético dos 1.260 anos pode ser calculado a partir dum período, mais ou menos próximo, do começo do século VII. O ano 538 de nosso Senhor concorda com a queda do domínio temporal do Papa em 1798" (11).

c)- Richard Valpy (1754-1836), notável professor e reitor da Stradishall em Suffolk: — "No ano 538 o império dos Godos foi abolido em Roma, e a partir desta data o poder pontifical avançou com uma grande rapidez até tornar-se, pela sua influência e sua autoridade, o maior domínio na Europa. Se se admite esta data, o período mencionado pelo profeta fixa a destruição da autoridade papal para o ano presente, no qual o Papa foi forçado a partir de Roma pelo exército francês. (Ver fac-simile na pág. 768)". (12).

d)- Edward King (1735-1807) — Se os autores citados até agora apresentam ou propoem as datas de 538 e 1798 para o começo e o fim dos 1.260 anos proféticos, "King é talvez o mais explícito de todos os comentadores das profecias, a reconhecer o fim do período de 1.260 anos, que ele declara estar precisamente a terminar" (13), e isto passava-se exactamente em 1798. Num dos seus sermões pregado em 1798 ele dizia: "Não está o poder papal, de Roma, que foi tão terrível e tão dominador, no seu fim?

"Mas façamos uma pequena pausa. Não é verdade que este fim, noutras partes das Santas Profecias, era predito para ser o fim dos 1.260 anos? — e não é verdade que estava predito por Daniel, para ser no fim dum tempo, tempos e metade dum tempo, cujo cálculo conduz ao mesmo período. E agora vejamos: — escutar; — e

compreender. Este é o ano 1798; — e precisamente 1.260 anos antes, no começo do ano 538, Belisário pôs um fim ao império e à dominação dos Godos, em Roma.

"Ele tinha entrado na cidade no 10º dia do mês de Dezembro precedente, em triunfo, em nome de Justiniano, Imperador do Oriente, e imediatamente ela foi feita sua tributária, não deixando a Roma, a partir de 538, nenhum poder do qual se pudesse dizer que governava sobre a Terra, excepto o poder pontifical eclesiástico". (14). Ver fac-simile reproduzido na página 768.

Este período profético dos 1.260 dias-anos que "os adventistas geralmente localizam entre 538 e 1798", quer dizer, entre o decreto de Justiniano e a Revolução Francesa, não foi estabelecido pelos adventistas, mas pelos historiadores e teólogos que seriam, talvez, adventistas se já existissem nessa época. É verdade que hoje duma maneira geral os historiadores e teólogos, tanto católicos como protestantes, não se pronunciam facilmente em favor destas datas, mas é um facto que os acontecimentos históricos se harmonizam, ponto por ponto, com os mínimos pormenores desta profecia e que a Igreja Adventista apareceu, precisamente, depois desta encruzilhada da história — a Revolução Francesa.

ALGUNS ASPECTOS DESTE PERÍODO

Se tivéssemos que resumir as características deste período, poderíamos fazê-lo em três palavras: Perseguição, Protecção e Acção.

Em todas as sete passagens em que está em questão este período, a perseguição é mencionada, duma maneira explícita ou implícita, em todas as suas formas: "Os santos... serão entregues na sua mão" (15); "...quando tiverem acabado de destruir o poder do povo santo" (16); "...e pisarão a cidade santa" (17); "...para proferir grandes coisas e blasfêmias" (18). As restantes passagens (Apoc. 11:3; 12:6,14), em que se trata de "profetizar vestidas de saco", ou de se "refugiar no deserto", a perseguição aí está implícita a pontos de obrigar a vestir-se de saco a fim de poder realizar a sua tarefa ou de fugir para não ser totalmente destruída.

Não há qualquer dificuldade em encontrar inúmeros traços desta perseguição, tanto na história religiosa como na história profana. Referente a este período profético, lembremo-nos que o bispo de Roma "por decreto de Justiniano, de 15 de Março de 533, foi declarado 'cabeça de todas as santas Igrejas', e numa carta do mesmo ano foi chamado 'corrector de herejes'... Assim Roma pagã tornou-se Roma papal; uniram-se Igreja e Estado e o poder perseguidor do dragão foi conferido ao professo chefe da Igreja de Cristo, ou Roma papal. Como disse o Dr. H. Grattan Guinness, no seu livro "O Romanismo e a Reforma" (em inglês), na pág. 152, 'o poder dos Césares ressurgiu no domínio universal dos papas'. (19).

Pensemos nas cruzadas, por exemplo, que eram uma forma de perseguição bem disfarçada e de tal maneira concebida que a guerra e a perseguição tornaram-se uma via de purificação e de santificação. A violência e a acção destruidora é bem nítida, por exemplo, nas cruzadas organizadas por Inocêncio III, contra os Valdenses: "Pelas presentes cartas apostólicas, nós vos damos a ordem formal de destruir todas estas heresias, por todos os meios possíveis... Eles não apelarão dos vossos julgamentos, e se for necessário, recorreréis aos príncipes e a seus povos para os suprimir por meio da espada. (Citado de Migne, Vol. CCXIV, col. 71, em "Source Book for Medieval History", p. 210)". (20). A Inquisição, estabelecida em 1229 pelo Concílio de Toulouse, concluiu a obra começada pelas cruzadas. O programa de acção foi estabelecido nestes termos: "Destruir-se-á inteiramente até às casas e aos mais humildes abrigos e mesmo aos esconderijos subterrâneos os homens convencidos de possuir as Escrituras. Serão perseguidos até nas florestas e nos antros da terra. Serão punidos severamente mesmo aqueles que lhes dêem asilo. (Citado por D. Lortsch, "La Bible en France", Paris, 1910, p. 12-16, 21-17)". (21).

A perseguição, no entanto, não devia destruir "os santos", "a mulher" — a Igreja de Deus. A promessa era segura: "Foram dadas à mulher duas asas de grande águia, para que voasse para o deserto... onde já tinha lugar preparado por Deus, para que ali fosse alimentada" (22). As montanhas do Piemonte e o Museu do Deserto, no Sul da França, são testemunhas eloquentes da protecção e do apoio que Deus dispensou ao Seu povo. "Por trás dos elevados baluartes das montanhas — em todos os tempos refúgio dos perseguidos e oprimidos — encontraram esconderijo os Valdenses. Ali se conservou a luz da verdade a arder por entre as trevas da Idade Média. Ali, durante mil anos, testemunhas da verdade mantiveram a antiga fé". (23).

Durante este longo período de perseguição, a Igreja de Deus que estava, apesar de tudo, ao abrigo divino e seria alimentada providencialmente, devia profetizar com o poder das "duas testemunhas", mesmo "vestidas de saco". "Que significam estas duas testemunhas que profetizam vestidas de saco durante 1.260 anos? Um saco, como vestimenta no Oriente, é o sinal duma profunda tristeza. É um facto que a Idade Média foi, para a Igreja de Deus e para o puro Evangelho, um período de sofrimento e de luto. ...São chamadas as duas oliveiras e os dois candeeiros no livro de Zacarias (4:3-6, 11, 14), onde representa o Antigo Testamento, chamado noutros lados 'lâmpada', 'luz' (Sal. 119:105, 130). Se a visão de S. João nos põe em presença de dois candeeiros, é porque ao A. T. se veio juntar o Novo, para formar a Palavra de Deus inteira, a dupla luz espiritual que deve esclarecer os indivíduos e as nações no meio das trevas" (24).

Os Valdenses de quem já falámos, eram verdadeiramente os conservadores e propagadores destas "testemunhas vestidas de saco". "As suas vestes eram preparadas de maneira a ocultar o seu máximo tesouro — os preciosos manuscritos das Escrituras, fruto de meses e de anos de labuta; levavam-nos consigo e, sempre que o podiam fazer sem levantar suspeitas, cautelosamente punham uma porção ao alcance daqueles cujo coração parecia aberto para receber a verdade... Velada e silenciosa, a Palavra de Deus rompia caminho através da cristandade e tinha alegre acolhida nos lares e nos corações" (25).

Esta Igreja, que se pode chamar com propriedade "a Igreja do deserto", fazia por toda a parte um trabalho de evangelização extraordinário, reconhecido mesmo pelos seus inimigos: "Nos fins do século XII, havia em Metz uma igreja valdense importante, que tinha em uso traduções da Bíblia... Um padre de Passau escreveu então: 'Em Lombardia, em Provença e noutros lados, os heréticos têm mais escolas que os teólogos e muitos mais ouvintes. Eles discutem livremente e convidam o povo às reuniões solenes nas praças do mercado ou no campo. Ninguém ousa resistir-lhes devido ao poder e ao numero dos seus ouvintes.'" (26). Não se tratava dum grupo isolado de crentes, que existia dificilmente, mas bem ao contrário, era um povo que existia praticamente em toda a parte e que tinha relações. "A relação existente entre os irmãos dos diversos países é ilustrada pelo facto de que um mesmo catecismo próprio para a instrução das crianças era usado nos vales Valdenses, em França, na Itália, assim como pelos irmãos alemães e pelos irmãos da Unidade na Boémia (Cf. A History of the Reformation, Ths. M. Lindsay T. & T. Clark, Edinburgh, 1906, 7, 2 Vol.). Era um pequeno livro publicado em italiano, francês, alemão e em checo. Conhece-se várias edições publicadas de 1498 a 1530" (27).

Graças a este trabalho profundo em favor das crianças e ao estudo cotidiano da Bíblia, eles eram cristãos nobres como os bereanos, que examinavam cada dia as Escrituras para ver se era exacto o que lhes diziam. Foi neste espírito "que em 1463, nas montanhas de Reichenau (Cf. Die Reformation und älteren Reformparteien, Dr. Ludwig Keller), e, em 1467, em Lhota, se reuniram em assembleia geral de irmãos, à qual participaram muitas altas personalidades e onde foram examinados de novo os princípios da Igreja...

"Eles comunicaram as suas decisões ao arcebispo de Rokycana. Este último censurou-os do alto do púlpito e eles escreveram-lhe a dizer que não desejavam criar alguma coisa de novo, mas desejavam voltar à verdadeira Igreja dos primeiros cristãos que os Valdenses tinham mantido sempre" (28).

"Com efeito, os Valdenses descendiam desses refugiados da Itália, que depois que S. Paulo

pregou o Evangelho nesse país, abandonaram a sua bela região e como a mulher mencionada no Apocalipse, esconderam-se nas montanhas selvagens onde até esse tempo eles transmitiram de pai a filho o Evangelho em toda a sua pureza e simplicidade, tal como lhes tinha pregado S. Paulo" (29).

CONCLUSÃO

Antes de apresentar em resumo alguns pontos de conclusão, é-me agradável reconhecer que me foi proveitoso o estudo de alguns aspectos desta profecia. Há ainda muitos outros aspectos que merecem ser estudados, mas isso ultrapassaria largamente os limites e o plano previsto.

É de realçar, sobretudo, que tanto o princípio "um dia profético = um ano solar" como as datas do começo e do fim deste período, foram reconhecidos e anunciados por um bom número de autores muito tempo antes de haver adventistas. Estes factos, além de fortalecer a nossa fé na mensagem que aceitamos e que pregamos, deve dar-nos uma força extraordinária para o fazer com argumentos que são, muitas vezes, de autores da mesma denominação daqueles a quem temos de pregar. Finalmente, é ainda mais importante e confortador constatar que as profecias bíblicas se realizam com exactidão e que Deus teve sempre, mesmo nas épocas mais sombrias da história, um povo, que era o Seu povo, a Sua Igreja. Nos fins do século XVII, um discípulo de Pierre Jurieu, chamado Du Serre, "ensinava os pontos de vista proféticos do seu mestre às crianças do 'Dauphiné' e estas últimas, educadas no meio dos horrores das dragonadas, percorriam em bandos as aldeias da província, como 'pequenos profetas'...

"Longe de serem exterminadas, as 'Igrejas do Deserto' não pararam de crescer até 1787, época em que Luís XV publicou um 'Édito de Tolerância' que causou um grande alívio. Em 1798 a Revolução Francesa subverteu a França e deu aos protestantes a liberdade de consciência" (30).

Estes servos de Deus do passado agiram segundo a luz que possuíam e é da nossa responsabilidade, agora, agir em conformidade, também, com a luz que possuímos, advertindo os homens, não somente chamando a sua atenção para estas profecias do passado, mas mostrar-lhes que as profecias não terminaram em 1798, porque há outras relacionadas com os nossos dias, com a Pessoa de Jesus, Sua actividade no santuário celeste e Sua volta. Sim, importa mostrar que o término da profecia dos 1.260 dias-anos, não foi o fim, mas o princípio do fim.

(Continua na página 19)



Caixa de perguntas

— "Gostaria de ver explicada na nossa tão querida Revista as seguintes passagens bíblicas: 'Porque os vivos sabem que hão-de morrer, mas os mortos não sabem coisa nenhuma, nem tão-pouco eles têm jamais recompensa...' (Ecles. 9:5); 'Morrendo eles, não tornarão a viver; falecendo não ressuscitarão'. (Isa. 26:14)".

— C. B.

R:- Sem pretendermos entrar em especulações filosóficas, recorreremos aos princípios fundamentais apresentados pela Bíblia.

Sobre o estado do homem na morte, encontramos entre outras as seguintes afirmações bíblicas:

- Sal. 6:5 - "Na morte não há lembrança de Ti; no sepulcro, quem Te louvará?"
- Sal. 30:9 - "Que proveito há no meu sangue, quando desço à cova? Porventura Te louvará o pó? Anunciará ele a Tua verdade?"
- Sal. 88:10 - "Mostrarás Tu maravilhas aos mortos, ou os mortos se levantarão e Te louvarão?"
- Sal. 115:17 - "Os mortos não louvam ao Senhor, nem os que descem ao silêncio".
- Sal. 164:4 - "Sai-lhes o espírito, e eles tornam-se em sua terra: naquele mesmo dia perecem os seus pensamentos".
- Isa. 38:18 - "Porque não pode louvar-Te a sepultura, nem a morte glorificar-Te: nem esperarão em Tua verdade os que descem à cova".
- I Cor. 15:17, 18 - "E, se Cristo não ressuscitou, vã a vossa fé, e ainda permanecéis nos vossos pecados; e, também, os que dormiram em Cristo estão perdidos".

Assim é importante ter em mente que a morte não traz como consequência imediata a recompensa ou a punição do ser humano. Não é a morte que traz consigo a esperança dos santos, mas sim a ressurreição.

As epístolas apostólicas demonstram que a mensagem da Igreja cristã baseava-se num facto capital: Jesus, o Messias, ressuscitou dos mortos. Não encontramos uma única passagem que afirme ter a alma de Jesus voltado do céu. Encontramos sim que Ele foi ressuscitado dos

mortos (cf. Luc. 24:3-6). "A Sua alma não foi deixada no Hades" embora tenha derramado a Sua alma na morte. (Cf. Isa. 53:12).

Se por um lado os autores bíblicos não falam da morte como um objectivo a atingir, o mesmo não sucede em relação à ressurreição, que é chamada a esperança de cristão. (Cf. I Cor. 15).

É da vontade de Deus que os remidos sejam ressuscitados no último dia: "A vontade do Pai que Me enviou é esta: que nenhum, de todos aqueles que Me deu, se perca, mas que o ressuscite no último dia. Porquanto a vontade d'Aquele que Me enviou é esta: que todo aquele que vê o Filho, e crê n'Ele, tenha a vida eterna; e Eu o ressuscitarei no último dia". (João 6:39, 40; cf. Sal. 17:15).

Paulo mostra bem nas suas epístolas que o seu objectivo pessoal não é a morte mas a ressurreição. (Ver Filip. 3:11; I Cor. 15:18, 22, 23; I Tess. 4:14, 17).

Assim compreendemos porque no Novo Testamento a ressurreição dos remidos é chamada a "ressurreição da vida" (João 5:29), e a "ressurreição de Jesus Cristo" (I Ped. 3:21).

Verificamos que a recompensa não é dada aos santos quando estes morrem, mas por altura da segunda vinda de Jesus. A ressurreição dos justos terá lugar quando Jesus vier buscar o Seu povo (cf. Mat. 16:27; Isa. 40:10; II Tim. 4:8).

Assim quando os santos morrem, vão para a sepultura e serão ressuscitados só quando Jesus vier. Enquanto permanecem no sono da morte, nada sabem. Para eles o tempo não conta. O momento de cerrar os olhos será seguido (em relação à própria pessoa) pelo momento da ressurreição.

Este é um aspecto do problema proposto pelo prezado leitor da Revista Adventista. Haverá talvez um segundo aspecto.

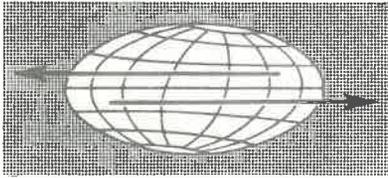
É dito em Eclesiastes que "os mortos não têm jamais recompensa".

Na verdade, como poderão os mortos ter recompensa se "o seu amor, o seu ódio, e a sua inveja já pereceram"? (Ecles. 9:6). No momento da ressurreição deixarão de estar mortos, e então poderão receber a recompensa.

Quanto à passagem de Isaías 26:14, é-nos dito que "morrendo eles não tornarão a viver, falecendo, não ressuscitarão".

Segundo o contexto, estes que estão mortos são os inimigos de Israel que procuraram destruir a nação. Assim sucedeu com o exército egípcio que pereceu no Mar Vermelho, e com os assírios comandados por Senaqueribe. Estes que lutaram contra o povo de Deus não poderão ser salvos. Eles não obterão a "ressurreição da vida", a ressurreição a que Paulo faz alusão em Filip. 3:11. Não mais serão lembrados, pois a sua memória está apagada.

— Teófilo Ferreira



ATRAVÉS DO MUNDO ADVENTISTA

HOLANDA

Colportor cego em Utrecht

Com a sua bengala branca, R. Knopper percorre as ruas de Utrecht, na Holanda, vendendo literatura adventista. Este nosso irmão tem apenas três por cento da sua vista.

Pouco depois de se unir à Igreja Adventista em 1928, abandonou o promissor negócio que tinha e entrou no ministério da colportagem. Durante mais de 20 anos tem estado activo, sendo forçado a trabalhar apenas em regime de "part-time" por ter perdido a vista.



○ irmão Knopper, colportor cego que trabalha em Utrecht, na Holanda.

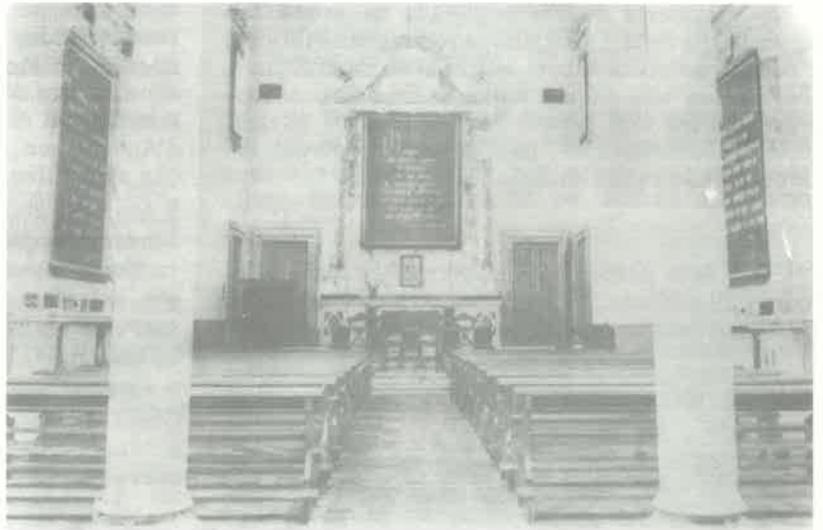
Como resultado do seu trabalho, cerca de cinquenta pessoas foram baptizadas na nossa Igreja. Recentemente decidiu oferecer tudo o que ganha no seu trabalho de colportagem em favor do programa de "A Bíblia Responde" na Tanzânia. O seu donativo permitiu a compra de todas as Bíblias ali em uso.

— R. D. Spear

ITÁLIA

Novas igrejas em Pisa e Bolonha

Foi inaugurada em Setembro de 1969 uma nova igreja em Pisa. Depois de comprarmos o edifício ao Vaticano, tivemos de fazer obras consideráveis. Hoje a igreja representa condignamente a verdade que pregamos.



○ O interior da igreja adventista de Pisa.

Em Bolonha foi inaugurada uma outra igreja que antes pertenceu à Igreja Católica Romana.

Devido aos esforços infatigáveis do nosso Departamento da Liberdade Religiosa, temos o privilégio do Sábado livre nas escolas, no serviço militar e nos empregos do estado.

O contínuo desenvolvimento do curso bíblico por correspondência está a produzir um crescente número de baptismos. Além do programa educacional levado a efeito em Florença, temos ainda cinco boas escolas de Igreja.

A nossa maior dificuldade está em encontrar obreiros que substituam à altura os que se vão reformando, e que façam face às novas oportunidades que surgem por todos os lados.

— Silo Agnello

ÍNDIA

O trabalho pessoal de um colportor resulta em baptismos

Um colportor da Conferência de Tamil, na Índia, trouxe para a verdade representantes de todas as famílias (excepto uma) de Maruthur. Estas 67 pessoas, baptizadas por A. J. Johanson, presidente da União do Sul da Índia, elevaram o número dos contactados e convertidos por Raja Singh para cem pessoas. Estes contactos tiveram lugar durante os primeiros oito meses de 1969.

Trabalhando em colaboração com o Pastor da Igreja, o irmão Singh tinha já antes ganho 33 pessoas. Juntos foram de porta em porta. Muitas

horas semanais foram passadas a dar estudos bíblicos. Muitas vezes a sua cama era feita a um canto da casa onde tinham feito o último estudo bíblico da noite.

Quando o Pastor foi transferido, o irmão Singh continuou a trabalhar — mas agora com sua esposa e irmão. Com o seu dinheiro comprou 25 Bíblias e os respectivos impressos do curso "A Bíblia Responde" e adquiriu ainda um "petromax". Durante a semana colportava de manhã à noite. Nos fins de semana fazia trabalho de evangelização.

Em Maruthur vivem 25 famílias. Há vinte anos a mensagem cristã teve ali entrada por meio de uma grande missão protestante. Contudo, durante os últimos dez anos os seus membros foram abandonados a si mesmos, com uma ou duas visitas anuais do obreiro de uma cidade vizinha. A pouco e pouco voltaram aos costumes antigos contrários ao cristianismo.

Tomando conhecimento do interesse que o irmão Singh estava a despertar naquela aldeia, um dirigente da Igreja à qual tinham pertencido durante tanto tempo dirigiu-se-lhes nos seguintes termos: "Vão estes adventistas dar-vos trigo, milho e vestuário? Ides ser baptizados apenas para receber trigo americano? Quando tiverdes sido baptizados, nunca mais vão querer saber de vos! Continuai antes connosco".

Então estas pessoas responderam: "Há dez anos que vós não cuidais de nós. Apenas agora que os adventistas vieram vos mostrais tão preocupados connosco. Não estamos ansiosos em

receber alimentos e vestuário; apenas nos interessa a mensagem que o pregador adventista nos traz. Ele nos tem ensinado a Bíblia. Durante todo o tempo que pertencemos à vossa Igreja nem uma única Bíblia nos foi dada. Eles deram-nos Bíblias — e isso é tudo o que queremos!"

À medida que o irmão Singh ia fazendo este trabalho missionário, Deus abençoou-o com as maiores vendas que já fizera em toda a sua vida. Foi durante este tempo em que estava ocupado com a preparação dos candidatos para o batismo que ele ganhou o prêmio proposto pelo Departamento da Colportagem de campeão de vendas. Mais de 8.000 rupias nos foi vendidas, relatou ele no seu relatório — o maior record de sempre na sua União.

J. Benjamin, colportor em Trivandrum, trouxe 30 pessoas para o batismo durante o último esforço de leigos realizado em Novembro. Utilizando Bíblias e lições, já desde Maio realizava estudos bíblicos com estas pessoas. Abriu com elas uma Escola Sabatina em Setembro. Tem sido ajudado no seu trabalho por sua esposa e por uma filha adolescente, dando ambas estudos bíblicos. No total, este irmão trouxe já ao batismo 74 almas nos doze últimos meses.

— Japaganam John

COREIA

Milagre de graça na aldeia de Shin-Nam

Choo Joon Yong é um veterano do exército da República da Coreia. Ele tem trinta e três anos e é pescador na aldeia de Shin-Nam, na costa oriental da Coreia. Não tinha ele qualquer propósito na vida. Sem eira nem beira, intratável, tendo no entanto espírito de comando, ele tornou-se o chefe de um bando na aldeia.

Quando recebeu o papel de inscrição na Escola Bíblica Postal, decidiu a partir desse momento estudar as lições desse curso.

À medida que o estudo da Bíblia progredia, uma mudança foi operada na sua vida. Tornou-se comedido — uma ajuda para a sua família e uma bênção para a aldeia. Conseguiu interessar os membros da pandilha, de que antes fazia parte, no estudo da Bíblia. Por toda a aldeia se fazia sentir uma nova atmosfera, onde não existia nada parecido com uma igreja.

Não muito tempo depois, tinha a Escola Sabatina com um grupo de jovens. Os habitantes mais velhos da aldeia, curiosos em saber o que a juventude estava a fazer Sábado após Sábado, vieram também assistir. Em Outubro de 1969, alguns destes jovens foram batizados. Quando visitámos esta aldeia em Novembro, havia ali dezasseis membros da Escola Sabatina.

O chefe da aldeia de pescadores pede-nos com insistência para que edifiquemos ali uma igreja. Ele viu a mudança que teve lugar nas vidas dos

antigos membros da pandilha e apreciou muito. Está disposto a nos dar o terreno se nos decidirmos a construir a igreja — a primeira igreja naquela localidade (de todas as denominações). Com quarenta e sessenta contos construiríamos essa igreja, mas não possuímos essa quantia. A pequena sala onde se reúne o nosso grupo já é muito pequena. Durante quanto tempo ainda ficará esta aldeia à espera de uma conveniente casa de culto?

— W. L. Wilcox

FILIPINAS

Três servos do demónio entregam as suas vidas a Cristo

Entre 14 pessoas que foram recentemente baptizadas na Missão de Davao, encontra-se um antigo adivinho, um idólatra e um ébrio.

Maximino Gresones era conhecido não só pelas suas actividades de adivinho da ilha, mas também era temido pelos habitantes por causa da sua arte de encantamento e pela habilidade misteriosa de escapar ileso a sete inimigos que espicaram todo o seu corpo com lanças agudas.

As suas práticas de bruxaria são conhecidas de muitos que vivem nas regiões circunvizinhas. Suponhamos, por exemplo, que alguém tinha perdido uma cabra, uma galinha, dinheiro, ou outra coisa qualquer. Iria ter com o senhor Gresones. Ele faria então com que um ovo ficasse em pé por si num prato, ou então faria com que uma agulha flutuasse numa lata cheia de água, à medida que os nomes dos suspeitos eram mencionados. Infallivelmente pronunciaria o nome da pessoa ou pessoas culpadas. Este homem possuía ainda o poder de dançar descalço sobre um leito de brasas incandescentes, sem queimar os pés.

Surpreendentemente, enquanto fazíamos uma recapitulação da doutrina, pouco antes dos baptismos, ao pedir ao grupo que me indicasse um dos sinais da segunda vinda de Cristo, o senhor Gresones prontamente se pôs de pé e respondeu com voz clara e audível que nos últimos dias "se levantarão falsos profetas".

O interesse do senhor Gresones na mensagem do advento foi despertado quando se encontrou com um sacerdote municipal na sua terra natal, que fica na costa oriental de Mindanao. Ouvia ele as lições católicas dadas quando lhe surgiu uma dúvida. Em resposta à sua pergunta o sacerdote deixou-o confuso. "Senhor padre" — disse ele — "a Bíblia que estamos a estudar aqui, diz que o sétimo dia é o Sábado. Porque guardamos então o domingo?"

O sacerdote replicou: "A Bíblia tem razão, mas acontece que a nossa Igreja ensina que devemos guardar outro dia. Eis aí o motivo!"

O senhor Gresones não ficou contente com a resposta. Quando chegou

a casa contou o sucedido à família. Não muito depois saiu da Igreja Católica, passando a estudar a Bíblia com um obreiro leigo adventista, o irmão Duran, da Igreja de Kinablangan, e com um estagiário, Jerry Velleramos. Eventualmente decidiu unir-se ao povo remanescente. Juntamente com ele, baptizou-se a esposa e uma secretária, Lorenzo Lapis.

O senhor e a senhora Martin Ramos, durante muitos anos acreditavam que o seu ídolo de sessenta centímetros desempenhava um papel importante na doença e na prosperidade da família. Antes da colheita, tinham primeiro de servir o seu "mana-og", ou "ídolo negro".

Infelizmente quando a senhora Ramos adoeceu, todos os pedidos de restabelecimento não encontraram senão ouvidos surdos. Durante três meses esta mãe sofreu dor intensa no estômago. Eles não tinham dinheiro para chamar o médico.

Nesta altura, um casal adventista, o irmão e a irmã Laniza, visitaram o lar. Estes ganhadores de almas leigos disseram: "A razão porque não está curada é porque adora um deus que que não é o Deus que fez os céus e a Terra. Se assim desejar, vamos ajudá-la e orar por si. Mas antes temos de queimar este ídolo negro, o vosso "mana-og".

Assim fizeram. A senhora Ramos restabeleceu-se rapidamente. Seguiu-se uma série de estudos bíblicos, e o casal foi baptizado.

O terceiro casal chama-se Hermie Gersones. Hermie era um ébrio inveterado. A sua conversão constituiu um facto notável, na medida em que, imediatamente após ter assistido pela primeira vez a uma série de reuniões sobre a Bíblia, tomou a decisão de ir à igreja e continuar a aprender até se baptizar.

— D. U. Gonzalez

OS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA E OS CONSELHOS NACIONAL E MUNDIAL DAS IGREJAS

Valter R. Beach
Secretário da Conferência Geral

DE VEZ em quando alguns membros indagam quais as relações dos adventistas do sétimo dia com o Conselho Nacional de Igrejas, nos Estados Unidos, e com o Conselho Mundial de Igrejas, cuja sede está localizada em Genebra, Suíça. Isso é natural e correcto. Os membros devem interessar-se pela organização, pelas actividades e pelas relações da sua Igreja. Através dos anos têm sido envidados muitos esforços para esclarecer a posição dos adventistas do sétimo dia nesse sentido, mas as circunstâncias mudam e novos membros ingressam continuamente em nossas fileiras, de modo que chegou talvez a ocasião oportuna de fazer outra declaração. Cremos que os membros da nossa Igreja devem estar bem informados.

A relação entre os adventistas do sétimo dia e os Conselhos Nacional e Mundial de Igrejas não sofreu alterações fundamentais desde que a Conferência Geral, há vários anos, resolveu que a nossa Denominação não poderia conscienciosamente unir-se a essas Organizações. Não somos membros do Conselho Mundial nem do Conselho Nacional de Igrejas. A nossa relação denominacional restringiu-se, e restringe-se ainda, a cooperação em alguns sectores de actividade nos quais se considera que a Igreja pode ser útil, obtendo ao mesmo tempo valiosas informações e estabelecendo contactos apropriados que facilitem a nossa Obra em varias partes do Mundo. Isto tem ocorrido sem qualquer compromisso ou envolvimento de nossa parte — o que tornamos bem claro perante aquelas Corporações.

Entraremos em pormenores quanto a essa relação, mas antes disso convém dar algumas informações históricas. Nos primeiros anos de nossa expansão mundial, principalmente por ocasião da I Grande Guerra, a direcção da Igreja julgou necessário participar do que se chamava Associação Norte-Americana de Missões Estrangeiras, da qual eram membros a maioria das juntas Missionárias. Isto, naturalmente, sucedeu antes de organizar-se o Conselho Mundial ou o Conselho Nacional (respectivamente em 1948 e 1950). Não consegui averiguar exactamente quando foram estabelecidos os primeiros contactos com a Associação de Missões Estrangeiras. A primeira anotação nas actas da Comissão da Conferência Geral, com referência a essa Organização, foi efectuada em Novembro de 1922. Naquele tempo éramos membros dessa Associação. No ano que acabamos de citar, a

Comissão votou os nomes dos delegados que assistiriam à assembléa geral.

Os contactos com a Associação de Missões Estrangeiras prosseguiram através dos anos, até ser organizado o Conselho Nacional de Igrejas (29 de Novembro de 1950). Quando se aproximava a data da fundação dessa entidade, foi sugerido que aquela Associação se tornasse uma parte do Conselho Nacional, sob o nome de "Divisão de Missões Estrangeiras do Conselho Nacional". Consequentemente, todas as juntas missionárias que eram membros daquela Associação foram avisadas a esse respeito, solicitando-se que enviassem delegados para uma assembléa em que se tomaria um voto referente à fusão programada. A reunião ocorreu em Filadélfia, Pensilvânia, em 25 de Abril de 1950. Os dois delegados da Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia receberam a ordem de votar contra a proposta.

E eles o fizeram; no entanto, a proposta foi aprovada. Por conseguinte, no dia 8 de Junho de 1950 a Comissão da Conferência Geral votou romper a ligação da Igreja com a organização das Missões Estrangeiras e limitar qualquer participação cooperadora em determinados sectores de actividades, como "junta consultadora". Em 27 de Junho de 1950, houve outra reunião da Comissão da Conferência Geral, em S. Francisco, em conexão com a assembléa da Conferência Geral, na qual estiveram presentes quase todos os seus membros, e foi votado confirmar a resolução tomada no dia 8 de Junho de 1950, que apresenta a posição da Igreja nas seguintes palavras:

"Considerando que a Associação das Missões Estrangeiras, na qual a Conferência Geral manteve durante alguns anos a qualidade de membro, votou tornar-se a Divisão de Missões Estrangeiras do Conselho Nacional de Igrejas de Cristo, nos Estados Unidos da América; e

"Considerando ser aconselhável evitarmos qualquer forma de união que possa restringir a completa proclamação da Mensagem que julgamos ter o dever de transmitir ao Mundo todo, ou que identificasse esta Denominação com qualquer movimento entre as Igrejas, que envolva qualquer programa, pressão sobre o governo ou declaração pública com que não pudessemos concordar; e

"Considerando que a qualidade de membro da Divisão, apesar de ser assegurada completa

autonomia das juntas e entidades associadas, teria no entanto o efeito de vincular esta Denominação com o Conselho Nacional; e

"Considerando que seria conveniente manter alguma forma de contacto com a Divisão de Missões Estrangeiras a fim de que estejamos inteirados do geral movimento missionário entre os protestantes e, também, para aproveitarmos todos os serviços especiais providos por essa Organização; e

"Considerando que nossa Denominação sempre tem revelado maior interesse na oportunidade de consulta, do que no planeamento e na participação da Obra em conjunto com outras Organizações; portanto

"Recomendamos que a Conferência Geral comunique à Divisão de Missões Estrangeiras que por estes motivos renunciaremos pesadamente à qualidade de membro dessa Divisão na base actual, e que solicitemos que a relação com a Divisão das Missões Estrangeiras seja estabelecida na base de uma 'junta consultora'."

Cumprir notar que essa resolução afirma claramente que quando a Associação de Missões Estrangeiras passasse a fazer parte do Conselho Nacional, renunciaríamos à qualidade de membro. Fizemos isto, e nossa relação desse tempo em diante tem sido exclusivamente a de uma "junta consultora". Saliento essa declaração, pois de vez em quando é expresso o ponto de vista de que os adventistas do sétimo dia "pertencem" à Divisão de Ministérios de Além-Mar (que antes se chamava Divisão de Missões Estrangeiras) do Conselho Nacional de Igrejas, e que, portanto, a Organização dos adventistas do sétimo dia se acha de facto vinculada com esse Conselho.

A FIRMAÇÃO ERRÓNEA

Tal afirmação é errónea. Os adventistas do sétimo dia não pertencem àquele Departamento do Conselho Nacional de Igrejas; somos apenas consultores. Na assembléia anual da Divisão de Ministérios de Além-Mar, nossos representantes, se acaso alguns forem autorizados a estar presentes, não são de modo algum considerados membros, mas apenas como consultores. Eles não votam ou assumem qualquer responsabilidade nas decisões tomadas e nos planos delineados. Eles são consultados, às vezes expressam opiniões, mas estão ali principalmente para manter-se a par do que é efectuado pela Divisão de Ministérios de Além-Mar; e essa oportunidade é apreciada.

Representantes adventistas do sétimo dia têm sido convidados a ser membros regulares de algumas Comissões de áreas geográficas daquela Divisão (como, por exemplo, a África, a América Latina, etc.). De vez em quando temos aceito esse convite por considerarmos vantajoso estar familiarizados com certos problemas. Sob diversas condições, governos de além-mar têm tornado essencial certa parcela

de cooperação entre as Denominações cristãs; por exemplo, na obtenção de "vistos" em passaportes para missionários no estrangeiro. Entretanto, essa exigência atenuou-se um pouco em tempos recentes e a cooperação não é tão estrita como no passado. Ocasionalmente somos consultores na exposição de problemas missionários mundiais em todas as Comissões de áreas geográficas.

Existem três outros sectores de actividade patrocinados pelo Conselho Nacional, em que cooperamos talvez um pouco mais de perto. O primeiro é a Comissão de Radiodifusão e Filmes. Não somos membros da Comissão Executiva que é responsável por este sector de actividade, mas consentimos que o secretário do Departamento de Rádio-TV da Conferência Geral seja membro do conselho administrativo a fim de pôr-se em contacto com uma actividade em expansão, que às vezes tem a tendência de se tornar exclusivista e monopolista. Cremos que esta relação é útil para familiarizar-nos com planos e problemas de vital importância para nós. Esse contacto ajuda a habilitar os nossos técnicos e provê valiosas informações sobre determinadas circunstâncias, preços e oportunidades. Se não obtivéssemos essas informações por meio dessa Comissão, teríamos de conseguir-las noutra parte (se possível) e provavelmente com muito maiores despesas. Não temos a obrigação de apoiar ou cumprir qualquer resolução adoptada por essa Comissão. Somos inteiramente livres.

No sector de radiodifusão e auxílios visuais temos também um representante numa organização chamada RAVEMCO. Esse grupo analisa problemas de televisão, rádio, filmes e meios de auxílio visual nas terras de além-mar. Esses contactos têm sido proveitosos para a ampliação de nossa Obra em países estrangeiros. A nossa cooperação não se restringe a participação em organizações dessa natureza. Uma agremiação de radiodifusores, da qual fazem parte representantes judeus e outros mais, está procurando desenvolver um código-padrão para transmissões religiosas e morais. Julgamos que também é útil manter certa relação com essa espécie de actividade.

O segundo sector diz respeito a auxílio em caso de calamidades. Quanto a esse aspecto, a nossa cooperação é essencial. O Serviço Mundial de Assistência possibilita que as Igrejas se apoderem de fundos providos pela Agência de Desenvolvimento Internacional, que se ocupa da obra de beneficência social no estrangeiro. Representantes da SAWS (Serviço de Assistência Social Adventista do Sétimo Dia) fazem parte da Comissão do Serviço Mundial de Assistência. No empenho de atender as necessidades de muitos sofredores ao redor do Mundo todo, cooperamos ainda com outras organizações, como o Conselho de Agências Voluntárias Para Auxílio no Estrangeiro. Deste modo, não somente têm sido poupadas grandes somas de dinheiro, mas a Igreja tem tido acesso a alguns sectores de

actividade assistencial que doutro modo estariam fora do nosso alcance.

QUESTÕES DE LIBERDADE RELIGIOSA

Os adventistas do sétimo dia têm especial interesse em actividades relacionadas com a liberdade religiosa. Por isso temos aceito o convite para fazer parte de Comissões interdenominacionais que tratam deste aspecto. Cremos que isto tem sido útil à causa da liberdade religiosa em geral, bem como ao programa de nossa Igreja.

Representantes adventistas do sétimo dia têm sido autorizados a fazer parte de algumas Comissões, Associações ou Congressos financeiros que proporcionam valiosíssimas informações a respeito do manejo de fundos.

Por meio dessas participações, não renunciamos à nossa fé, aos nossos princípios ou à nossa liberdade de acção. Obtemos muitos conhecimentos de grande valor, a um preço insignificante, que nos auxiliam a utilizar ao máximo os recursos de que dispomos. Algumas Subdivisões de nossa Obra mundial também fazem parte de associações hospitalares, obtendo assim valiosas ideias quanto à administração de hospitais. Algumas dessas organizações pertencem a entidades religiosas, outras não. Procuramos escolher a participação que seja mais apropriada e útil.

Sempre que analisamos as nossas relações com aqueles que nos rodeiam, temos de admitir que certas formas de cooperação são essenciais no mundo actual. A complexidade de problemas e restrições, especialmente em alguns países de além-mar, evidencia essa necessidade. Não podemos nem devemos isolar-nos do mundo ao nosso redor. Na oração em favor dos Seus discípulos, nosso Senhor não pediu que eles fossem tirados do mundo, e, sim, que fossem guarda-

dos do mal (S. João 17:15). Seria uma deturpação de nossa doutrina de separação do mundo dizer que não deveríamos ter quaisquer relações com os que diferem de nossas crenças religiosas. Ellen G. White recomendou que nossos ministros se tornem membros de associações ministeriais locais.

A questão não é se devemos ter algum contacto com o mundo ao nosso redor — o que é necessário, quer queiramos, quer não — e, sim, se nossos contactos permitirão que a nossa luz brilhe fortemente, de modo que demos claro, vigoroso e inconfundível testemunho dos princípios e das crenças que deram origem ao Movimento Adventista. Se outros possuem proveitosas informações que se acham à nossa disposição, quer seja no sector financeiro, na administração hospitalar, nas missões mundiais, na radiodifusão ou nalguma outra actividade, sem dúvida devemos procurar obtê-la. Por outro lado, se pudermos prestar uma contribuição valiosa, não devemos deixar de fazê-lo.

Os adventistas do sétimo dia procuram ser cooperadores conscienciosos sempre que isto for possível e não entre em choque com as nossas crenças ou altere nossa posição como Igreja Remanescente de Deus. Em muitos países às vezes tem sido útil e conveniente cooperar com outras Denominações religiosas, em sentido limitado. Sob certas circunstâncias temos estado dispostos a manifestar este espírito de cooperação ao enfrentar questões com que defrontam Igrejas não evangélicas e organizações que não são religiosas. Somos uma Igreja mundial, e embora labutemos com completa e total independência, o Espírito de Cristo nos incentiva a cooperar com pessoas de boa vontade em projectos que favoreçam os interesses da Causa de Deus.

(Continuará no próximo número)

Somos o que Lemos

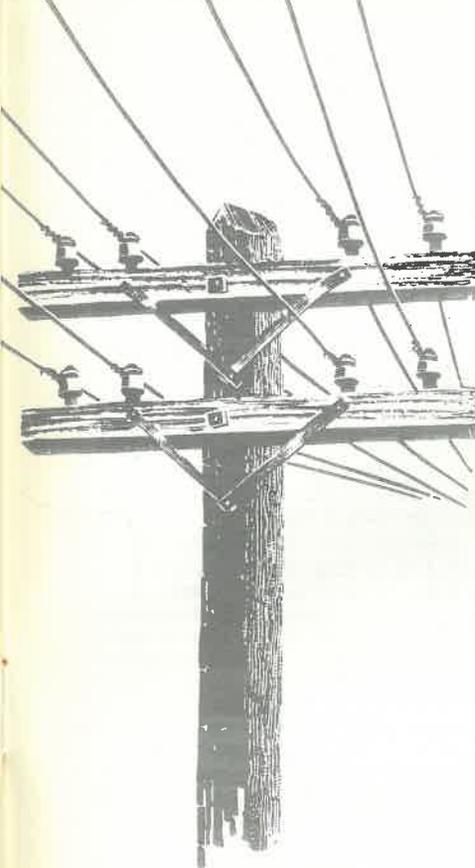
Lede e propagai os
BONS LIVROS da
nossa Denominação

Pedi catálogo, grátis, hoje mesmo, ao
Secretário das Publicações da vossa Igreja.

Encomendai os nossos bons livros ao dito
Secretário, ou directamente para:

PUBLICADORA ATLÂNTICO, S.A.R.L.
Rua Alexandre Braga, 16 - r/c. - Lisboa





AÇORES

Foi no dia 15 de Dezembro de 1969, que desembarcámos pela primeira vez em terra açoreana para dirigir esta Missão.

Após uma excelente viagem, aportámos em Ponta Delgada, capital do distrito, situada na Ilha de S. Miguel e onde temos a sede da Missão, a fim de preencher o cargo que durante seis anos foi ocupado pelo Pastor Orlando Costa, e que agora iria dirigir a Missão da Madeira.

Ficámos imediatamente enamorados ao contemplarmos tantas e tão belas coisas naturais em que aqui a bondade de Deus foi tão pródiga em conceder e ao lidarmos com estas pessoas, reservadas por momentos, mas depois francas, sorridentes e amigas hospitaleiras.

S. Miguel (a ilha verde) é a maior das 9 que formam este arquipélago e, com Santa Maria, pertence ao grupo oriental. O seu clima, embora bastante húmido, é no entanto suave, pois a temperatura média é de 13° C no Inverno e 22° C no Verão.

S. Miguel é uma espécie de celeiro das outras ilhas. Pela fertilidade do seu solo, se produzem várias espécies de cereais e produtos hortícolas, e é rica em frutas (é a única que produz ananás). Há aqui ainda a cultura de tabaco, beterraba sacarina, chá e amendoim. Vêem-se ao longo do ano, de dia ou de noite, polvilhando as en-



Os três novos irmãos de Ponta Delgada, Açores.

costas e os vales, milhares de vacas leiteiras que dão à ilha uma das suas fontes de riqueza, não apenas em carne como ainda na produção de lacticínios.

São sobejamente conhecidas as belezas naturais desta região. Montanhas e vales de luxuriante vegetação possuem aspectos paisagísticos de incomparável beleza. Lagoas formosíssimas no fundo de antigas crateras vulcânicas, cultura de ananases por processos originais, estradas inteiramente floridas de hortênsias, destacando-se sobre tudo isto o encanto da Lagoa das Sete Cidades e do Vale das Furnas com as suas caldeiras.

Tem esta Missão 198 membros, assim distribuídos: S. Miguel 115, Terceira 52, Pico e Faial 26, Flores 5. Estes últimos, como uma irmã que vive em Santa Maria, são membros isolados, recebendo uma ou duas vezes por ano a visita do Director da Missão, mas sempre ligados à sede

através de correspondência e pelo recebimento da Revista Adventista, trimestrais e demais literatura.

Temos três Igrejas. A maior é a de P. Delgada, pastoreada pelo signatário, bem como o grupo da Lomba de S. Pedro e Salva, em S. Miguel. Na Terceira, a Igreja de Angra do Heroísmo, com o grupo das Lages, é dirigida pelo missionário Daniel Silva. No Pico, a Igreja dos Fetais da Piedade e um grupo no Faial são orientados pelo missionário João de Mendonça.

Atravessa esta Missão uma grande crise, sobretudo a Igreja de P. Delgada, em virtude de uma larga percentagem dos crentes se ausentar para terras distantes (Bermudas, América do Norte, Canadá, França), levados por esta onda chamada "emigração". Só esta Igreja, no espaço de 6 meses, transferiu 27 membros, o que é para nós uma perda grande.

É sabido que os Açores têm uma grande densidade populacional e estes



Grupo da Lomba de S. Pedro, Açores.

nove retalhos não podem de momento vestir e alimentar convenientemente tantas almas. Só S. Miguel tem 50% de toda a população, ou seja, 171.000 habitantes e é por isso que muitas dezenas de milhares de açorianos tem procurado abrigo e refúgio noutras paragens. Pão mais mole e mais branco é o que todos procuram, o que é humano e normal. Mas o pão do emigrante é muitas vezes comido molhado, e isto não apenas devido ao suor que cai do seu rosto, mas também das lágrimas que caem dos seus olhos, porque, por uma triste separação, na sua terra ficaram os pais, as mulheres, os filhos.

Por isso, ao vê-los partir, os encomendamos ao cuidado paternal de Deus, orando para que mantenham viva a chama da sua fé, e com a maioria continuamos ligados pelo espírito e pela correspondência, pois nós sabemos que eles ao partir deixaram na sua Igreja um pouco do seu coração.



Grupo da Salga, Açores.

Como director do Campo, precisava de visitar não só os colegas como também os membros, sobretudo aqueles mais isolados, e, parti.

No dia 26 de Fevereiro, aproveitando, sem saber, a última viagem inter-ilhas, por agora, do velho paquete "Carvalho Araújo" — a nº 499 — lá fui de abalada, rumo a outras ilhas, outras pessoas, outros costumes, mas todas elas bem portuguesas.

A primeira ilha da escala foi a Terceira — a ilha lilaz. Ali tínhamos à nossa espera o irmão Daniel Silva. Tivemos o privilégio de fazer duas reuniões: uma nas Lages, na nossa pequenina mas nova sala de cultos, e outra na cidade de Angra. Vimos ali irmãos pela primeira vez, alguns já conhecidos de nome e outros com quem matamos saudades visto que nós tínhamos encontrado algures.

Seguimos depois para a Graciosa (ilha esquecida), onde não desembarcámos visto que, pelo que sei, não

temos ali crentes. Rumamos depois para S. Jorge — a ilha comprida — conhecida noutras terras devido à celebridade do seu queijo.

Abordámos depois o Pico — a ilha alta, devido à elevação do seu vulcão extinto e com 2.351 metros de altura. Esperava-nos o irmão João de Mendonça. Apenas visitámos a sala de cultos e conhecemos alguns irmãos, que nas suas casas ou nos seus trabalhos ganhavam o seu pão. O tempo de que dispunhamos não nos dava para mais nada e, assim, nos despedimos. Ficámos satisfeitos, pois o irmão Mendonça está animado no seu trabalho que, com coragem e muita fé em Deus, vê progredir.

Atracámos depois no cal da Horta, capital do Faial — a ilha azul. Nesta ilha temos alguns irmãos dispersos e outra na cidade, mas esta, por se encontrar em Lisboa, não a vimos.

no! A maioria das ilhas não tem cal acostável e o barco grande tem de ficar ao largo, num mar que é conhecido como o pior do mundo, autêntico cemitério de navios. Calmo e amigo por vezes, num repente ira-se, espuma e a todos atemoriza e, em lanchas que agora são a motor, embarcámos e desembarcámos sobre aquelas ondas alterosas, com o coração apertado e uma oração no pensamento.

Não podemos melhorar tal situação, nem nos compete fazê-lo, mas podemos sim juntar a nossa voz à de tantos outros, esperando que mais ano menos ano o problema esteja resolvido para bem de todos aqueles que necessitam e dependem deste único meio de transporte.

Nos primeiros dias de Abril, desloquei-me a Santa Maria — a ilha primeira — a única para mim desconhecida e onde temos uma fervorosa irmã e crente de "corpo, alma e espírito". Apesar de ser ali a única pessoa baptizada, ela não tem a sua fé cativa, e da Verdade fala às vizinhas, pessoas amigas e nunca se atemoriza em defender a sua religião e dar o seu testemunho, mesmo que a pessoa seja o padre da localidade, como tantas vezes tem acontecido. Muitas pessoas ali há e connosco se juntaram para ouvir a Palavra e cantarem; pena é que não lhes possamos dar maior assistência. Pedimos a Deus para abençoar a casa da nossa irmã Maria José de Melo, e aquelas almas, confortando-a com as palavras: "...o nosso trabalho não é vão no Senhor".

Na Igreja de Ponta Delgada ainda se não fez o trabalho que era talvez normal poder alcançar-se. Mas pedimos ao Senhor que nos ajude a fazer muitas coisas para Ele. Até agora conseguimos manter o que encontramos e, entretanto, a Igreja cantou jubilosamente "Oh que belos hinos...", quando na radiosa manhã de Sábado, 25 de Abril, 3 preciosas almas se juntaram ao exército do Senhor através do baptismo.

Estamos procurando alcançar todos os alvos propostos e a Campanha das Missões foi obra de três semanas. Também na oferta para o Evangelismo Mundial (1 milhão de dólares), todos os irmãos com o seu gesto responderam "presente".

Aos grupos de Lomba de S. Pedro e Salga, que distam de Ponta Delgada 50 quilómetros, damos a nossa assistência todos os Sábados de tarde.

Estive alguns dias em meados de Junho na Terceira, pois houve ali festa espiritual em virtude de se entregarem ao Senhor pelo baptismo 4 almas. Está de parabéns e muito mais confiante o irmão Daniel Silva e mais alegres os irmãos do grupo das Lages.

Estamos em véspera de dias de grande oportunidade para os Açores, pois contamos ter dentro em breve e talvez mesmo no fim deste ano, transmitida a mensagem do Senhor com o programa "A Voz da Esperança", pelo

Passando ao largo do Corvo — a ilha pequena — porque o mar se encontra bastante agitado, desembarcámos em Santa Cruz, nas Flores — a ilha florida. Temos ali uma família de heróicos crentes, almas de fé, que apesar de poucos (6 e agora só 5, pois dois dias depois da minha visita morreu ali uma irmã com 80 anos), não temem as adversidades e continuam firmes como um rochedo, pois a sua fé na gloriosa volta do Senhor Jesus tem-se mantido de geração em geração, dos avós aos netos. Estivemos em sua casa e havia na ilha um surto de gripe, pelo que encontramos alguns doentes. Convivemos, explicámos a lição da Escola Sabatina, orámos e assim nos despedimos com um "até breve, que Deus vos abençoe".

E assim, no sentido inverso fiz a viagem de regresso para o meu lar, a minha Igreja.

Mas como é penoso fazer por aqui viagens pelo mar, sobretudo no Inver-



O Pastor Laranjeira baptizando o irmão Mário Ribeiro.

Clube Radiofónico "Asas do Atlântico" que, tendo a sua emissora em Santa Maria, se ouve em todas as ilhas do arquipélago em muito boas condições e com geral agrado. Estamos em negociações com os directores daquele posto emissor, para que a ideia se concretize. Todos oramos nesse sen-

tido, pois essa é a nossa grande oportunidade.

Sabemos que as ilhas, estas ou outras, em qualquer parte dos mares e oceanos, têm aí filhos de Deus. Almas porventura ainda em trevas, que mais tarde ou mais cedo serão iluminadas pela luz da Verdade e ga-

nhas pelas várias formas que Deus tem à Sua disposição na proclamação do Evangelho.

Naquilo que nos toca, e conhecendo a catolicidade deste povo que chega às raias do fanatismo, o nosso trabalho e esforço tem de ser duplicado. Basta dizer que no mês de Maio de cada ano se realiza em Ponta Delgada uma procissão em honra do "Senhor Santo Cristo dos Milagres", que é a maior que se realiza no mundo católico, a ela assistindo ou nela se incorporando milhares de pessoas vindas das outras ilhas e doutras partes do mundo. Por isso o nosso grito de "sai dela povo Meu" tem de ser mais insistente.

Contamos ter entre nós, no próximo mês de Setembro, a presença do Pastor Ernesto Ferreira que, como Director da União Portuguesa, fará a esta Missão uma visita oficial. Todos nos alegramos com a notícia e só fazemos votos para que ela se torne realidade. Por agora e a esta distância manifestamos o nosso entusiasmo, que é o de todos os irmãos açoreanos, e daqui lhe enviamos um "seja bem-vindo".

Aos prezados assinantes e leitores da "Revista Adventista" as saudações muito sinceras do signatário, irmão em Cristo,

Manuel Laranjeira

REPÚBLICA DO TCHADE ALVO DAS NOSSAS ATENÇÕES

— Samuel F. Monnier —

EIS-NOS uma vez mais no limiar de uma nova Campanha de Extensão Missionária, noutros tempos conhecida por "Grande Semana".

Cada ano, em circunstâncias idênticas, temos o hábito de fixar a nossa atenção num dos campos missionários e fazer algo em prol do desenvolvimento da nossa obra ali.

Recordais-vos certamente que em 1967 o objectivo desta Campanha beneficiava o Tchade, que é um vasto território situado em pleno coação do continente africano.

Há cerca de três anos, o irmão Albert Bodenmann, um homem corajoso, deixou juntamente com a sua família o norte dos Camarões para se instalar em Fort-Lamy, que é a capital da República do Tchade. Quando tive o privilégio de visitar estes missionários dedicados, senti-me tocado ao verificar as precárias instalações de que dispunham. Situada ao lado do mercado, a habitação do irmão Bodenmann estava constantemente submersa por uma espessa nuvem de poeira que penetrava no interior e se fazia sentir por toda a parte. A renda mensal desta casa elevava-se a cerca de 10.000 escudos. Não penseis que se tratava de uma casa luxuosa, pois

tal conceito estaria longe da verdade. O telhado, gretado na quase totalidade da sua superfície, ficava transformado em "passador" quando



A nova casa construída para o missionário, com o produto da Campanha de Extensão Missionária de 1967.

chovia. A irmã Bodenmann devia então dispor de um certo número de recipientes para recolher a água que se infiltrava.

Ora, graças à vossa solidariedade, o projecto que tínhamos em vista nessa altura foi totalmente posto em prática; sinto-me feliz por vos comunicar que adquirimos um terreno e que hoje o nosso missionário está instalado em condições convenientes.

A obra de Deus neste país está apenas iniciada, e é nosso desejo ardente vê-la progredir para glória do Senhor e para o bem da população. Foi assim que ainda este ano foi decidido que o produto da Campanha de Extensão Missionária lhe fosse atribuído.

Em Fort-Lamy, os nossos irmãos e irmãs reúnem-se num subúrbio. Cada Sábado, uma quarentena de pessoas comprime-se numa casa



Os quatro primeiros adventistas do Tchade, resultado de cerca de dois anos de esforços.

miserável, que serve de lugar de culto. As fotos que ilustram este artigo darão uma ideia das condições nas quais o missionário trabalha para que o Evangelho possa penetrar entre a população. Esperamos obter a possibilidade de adquirir um terreno em Fort-Lamy nos meses próximos a fim de edificar um centro de evangelização nesta capital africana.

As autoridades são-nos favoráveis. O bom testemunho que centenas de habitantes do Tchade dão cada ano, após terem sido tratados no nosso hospital de Koza, ao norte dos Camarões, permite-lhes apreciar o trabalho realizado pela Igreja Adventista. Foi-nos mesmo pedido que abrissemos um dispensário maternidade no sul do país. Não temos ali nenhum adventista, e seria arriscado enviar um pregador; por outro lado, a abertura de um estabelecimento médico garante-nos sucesso. Um terreno seria posto à nossa disposição. Seríamos depois incumbidos de construir o dispensário-maternidade e uma



A família Bodenmann

habitação para um casal de missionários — ele, pregador-enfermeiro; ela, enfermeira-parteira que deveriam instalar-se nesta região.

O objectivo da nossa Campanha de Extensão Missionária de 1970 consiste portanto no estabelecimento definitivo da Igreja Adventista no sul do Tchade, por meio da construção de um dispensário-maternidade.

Consagramos tanto interesse a este importante projecto que não somente o produto da Campanha de Extensão Missionária de 1970 é destinada à sua realização, mas ainda uma parte do excedente da colecta do décimo terceiro Sábado do terceiro trimestre deste ano lhe será dedicado. Assim, por duas vezes em 1970, ouvireis falar deste plano. Não desejamos recolher apenas um pouco de dinheiro para em seguida o deixarmos estagnar nos cofres durante anos, mas desejamos reunir fundos suficientes para que brevemente este projecto se torne uma realidade. O vosso trabalho e o vosso apoio financeiro por ocasião desta Campanha, permitirão que os nossos missionários inculquem na população do Tchade as marcas indeléveis do amor e da dedicação cristãs.

Não desejareis fazer o vosso melhor e dar ao nosso apelo uma resposta à altura da confiança que em vós depositamos?



O ESPÍRITO DE SACRIFÍCIO

(Continuação da página 20)

esforços feitos". (Idem, vol. VII, pág. 53). "A obra a realizar pede sacrifício a cada passo de avanço". ("Evangelismo", pág. 632).

Não se espera menos hoje dos filhos de Deus que nesses tempos passados. É verdade que milhões de dólares sem conta são gastos para nos iludir no pensamento de que necessitamos de todas as conveniências e aparelhos engendrados pela indústria. Somos subtilmente levados a crer que devemos "conservar-nos a par de tudo". O nosso orgulho e vaidade são estimulados pela propaganda do mundo, através de jornais, revistas, televisão e rádio.

Mas quão efêmeros são os encantos colocados diante de nós e a segurança que aceitamos de braços abertos, ao nos serem dadas as boas coisas deste mundo. Perdem-se fortunas de um dia para o outro. Guerra, calamidade e inflação destroem por seu lado os planos egoístas do homem. Na realidade, as condições do mundo são um excelente estímulo vindo do céu para que sigamos um caminho melhor.

Os ais de pranto do mundo fazem-se ouvir à nossa volta. O pecado lança sobre nós a sua sombra. Preparemo-nos para cooperar com o Senhor. O prazer e o poder deste mundo passarão. Ninguém poderá levar para a vida eterna os tesouros desta terra. Mas a vida passada em fazer a vontade de Deus, permanecerá para sempre. O resultado do que é dado para o avanço da causa de Deus, será visto no reino de Deus". ("Review and Herald", 31 de Janeiro de 1907).

No nosso esforço para aumentar os bens terrenos, podemos não compreender que Deus sabe se seríamos capazes de usar convenientemente mais do que possuímos agora. Como muitos não fazem uso dos seus meios de maneira sábia, Deus não lhes confia em maior abundância. Por outro lado, muitos têm sido abençoados por Deus com riquezas, porque Ele pode confiar nessas pessoas. No Seu amor, sabe que utilizarão as suas posses na pregação da mensagem dos três anjos em todo o mundo de acordo com o plano divino. Têm demonstrado a sua habilidade em depositar as riquezas no banco do céu.

Satanás tem um outro plano para nós e para o nosso dinheiro. Insidiosamente faz germinar nas nossas mentes a dúvida de que os "caminhos antigos" estabelecidos para o povo de Deus nos dias primitivos desta Igreja, não mais necessitam de ser seguidos. O seu plano é delineado num diálogo travado com os anjos, registado por E. G. White: "Ide, fazei com que os donos de terras e de dinheiro se embriaguem com os cui-

dados desta vida. Apresentai o mundo diante deles em sua mais atraente luz, que acumulem o seu tesouro aqui, e fixem sua atenção sobre as coisas terrenas... Fazei com que se preocupem mais com o dinheiro do que com a edificação do reino de Cristo e a disseminação das verdades que odiamos, e não precisamos temer-lhes a influência, pois sabemos que toda a pessoa egoísta e cobiçosa cairá em nosso poder, e finalmente se separará do povo de Deus". ("Conselhos Sobre Mordomia", págs. 154, 155).

Sim, os "caminhos velhos" são "sempre novos e sempre verdadeiros". Chegámos ao tempo em que Deus espera de nós o sacrifício, como nunca o fizemos antes. A hora está avançada. É a última oportunidade de dispormos de parte de nossos bens materiais, depondo-os aos pés de Jesus para que a obra de Deus possa ser rapidamente terminada em todas as partes da Sua vinha. Não sejamos iludidos pelo pensamento de que Deus necessita dos nossos dons; Ele tem tudo. Como indivíduos, não só nos roubamos a próprios das riquezas do céu como egoistamente retemos tudo o que possuímos. Pelo contrário, quando seguimos a instrução de Deus, somos enriquecidos e tornamo-nos possuidores das bênçãos e do amor de Deus.

Deverá a obra de Deus ser atrasada porque não estamos dispostos a sacrificar tudo o que é nosso por Ele, que deu o Seu Filho unigénito? A instrução que possuímos é muito clara, porque "todo o membro da Igreja deve cultivar um espírito de sacrifício. Em todo o lar devem ser ensinadas lições de abnegação... Cristo é o nosso exemplo. Por nossa causa Ele se fez pobre, a fim de que, por Sua pobreza enriquecêssemos. Ele ensinou que todos devem agregar-se com amor e unidade, para trabalhar como Ele trabalhava, para fazer sacrifícios como Ele fazia, para amar como filhos de Deus". ("Testemunhos Selectos", vol. III, pág. 349).

Até que ponto vai o nosso sacrifício hoje? Estamos nós, como Abraão, dispostos a sacrificar tudo o que nos é mais querido? Estamos nós, como David, prontos a sacrificar o que nos custa um determinado preço? A recompensa é grande, porque "os que estiverem dispostos a fazer qualquer sacrifício pela vida eterna, tê-la-ão; e vale a pena que sofram por sua causa, que por ela crucifiquemos o próprio eu, e sacrifiquemos todo o ídolo". ("Testemunhos Selectos", vol. I, pág. 26).

PROSSEGUINDO EM FRENTE UMA OBRA DE REAVIVAMENTO

(Continuação da primeira página)

cífico, escreve: "A alegria fulgurante nas faces e nas vozes dos alunos, à medida que relatavam as suas experiências parecia cumprir a profecia de Joel que nos últimos dias a juventude será abençoada com uma visão mais ampla do trabalho que Deus dela espera.

"Nunca tinha assistido a um movimento espiritual tão livre e tão espontâneo da parte dos nossos jovens da América!

"Um grupo missionário que trabalha numa cidade perto de um dos nossos colégios secundários, encontrou-se com um jovem exteriorizando todos os indícios que caracterizam a mocidade desta geração. Convidaram-no a tomar a refeição com eles e em seguida convidaram-no a seguir a Jesus.

"Este jovem hesitou durante algum tempo mas não muito depois começou a pouco e pouco a participar nas suas actividades. Hoje é um aluno do colégio da União do Pacífico, e membro baptizado da Igreja remanescente.

"Uma cidade inteira foi tocada por um grupo coral de jovens de boa apresentação que com alegria partilhavam a sua fé e amor por Jesus".

A senhora D. Nine Heinrich referindo-se a um reavivamento no colégio de Monterey Bay, após uma semana de oração, escreve: "Vejo agora que o desejo que senti de ali estar veio do alto. A inspiração que recebi nessa noite permanecerá em mim durante o resto da minha vida.

"Mesmo antes de chegar à reunião senti que havia algo de muito especial. Disseram-me depois que havia grupos em jejum e oração intercedendo pela conversão dos seus companheiros. Com este espírito reinando no colégio, qualquer pessoa podia constatar que Deus se encontrava perto.

"Dois jovens proferiram palestras de grande inspiração, as quais nos convidaram a um serviço de consagração. Fiquei comovida até às lágrimas ao ouvir os testemunhos dados pela juventude. Durante duas horas formaram bicha para exprimir a determinação de viver mais perto de Deus".

Em 9 de Dezembro de 1968, E. L. Minchin escreveu-me: "Testemunhamos um verdadeiro movimento do Espírito Santo nos corações de muitos dos nossos jovens. A reacção da nossa juventude tem sido uma das mais maravilhosas que tenho podido presenciar em toda a minha vida.

"O espírito de oração tem-se manifestado por toda a parte. Grupos de oração formaram-se

nas escolas. Nunca vi tanta espontaneidade em assistir às reuniões. Na Sexta-feira à noite deram o seu testemunho mostrando uma nova e viva relação com o Senhor Jesus; convidaram igualmente os outros jovens presentes a se consagrarem completamente, e a darem testemunho de maneira activa".

São sem dúvida encorajadoras notícias como estas, que mostram a obra de Deus entre os nossos jovens. Oremos para que vejamos ainda mais destas manifestações!

O DOBRO DE BAPTISMOS NA ÍNDIA

A obra do Espírito Santo não está limitada a nenhum país ou raça. Os nossos corações são aquecidos com as notícias que recebemos da Índia.

D. R. Watts, secretário da Associação Ministerial da União do Sul da Índia, escreveu recentemente: "Tivemos em 1969 o dobro dos baptismos que alcançáramos em 1968. No nosso maior Campo, em Andhra, os baptismos triplicaram. Temos muitas mais pessoas em classes baptismais. Com tanta gente vindo para a nossa Igreja, é necessário termos cuidado em prover uma instrução conveniente, porque não desejo ter números sem significado".

Fiquei particularmente impressionado com as seguintes afirmações da carta do Pastor Watts: "Nunca antes tinha presenciado tal coisa na Índia. A obra não é mais fácil de fazer que antes, mas o Espírito Santo está a prover um poder ainda maior na pregação do Evangelho, e a verdade pode assim triunfar quando surgem dificuldades. Os doentes são curados em resposta à oração. Transformações surpreendentes estão a ter lugar, por meio de conversões para a verdade. Nunca vi tal fervor da parte dos obreiros. ... Há um grande despertamento no nosso Campo inteiro. De toda a parte nos vêm pedidos para edificarmos novas igrejas. Mais de 200 campanhas evangelísticas estão programadas para os próximos três meses".

O poder do Espírito vem, irmãos e irmãs. Virá, tem de vir, se vós e eu cumprirmos a condição de viver vidas completamente consagradas. "Satanás não pode impedir que uma chuva de bênçãos caia sobre o povo de Deus, nem tão pouco fechar as janelas do Céu para que a chuva não caia sobre a Terra." ("Mensagens Escolhidas", vol. I, pág. 124).

As visões dadas à mensageira do Senhor serão cumpridas: "Fiquei profundamente impressionada com as cenas que ultimamente passaram perante mim nas visões da noite. Parecia

AGENDA ADVENTISTA

Outubro de 1970

CALENDÁRIO DA IGREJA

- Dias**
- 3 - Evangelismo entre os vizinhos.
 - Oferta para as Actividades Leigas da Igreja.
 - 10 - Dia das visitas da Escola Sabatina.
 - 10-17 - Semana de Extensão Missionária (Grande Semana).
 - 17 - Oferta para a Extensão Missionária.
 - Dia das Relações Públicas.
 - 24 - Dia da Temperança e Oferta.
 - 31 - Oferta para a Educação Cristã e escolas de Igreja.
 - Início da Semana de Oração.

TABELAS DO PÔR-DO-SOL

Dias	—	Lisboa	Funchal	P. Delgada
2	—	19.20	17.53	18.30
9	—	19.09	17.45	18.20
16	—	18.58	17.33	18.10
23	—	18.48	17.26	18.00
30	—	18.41	17.21	17.52

DEVOÇÃO MATINAL

- Qui. 1 - I Cor. 13:11 - Maturidade cristã
- Sex. 2 - I Cor. 13:8-10 - Só o amor permanece
- Sáb. 3 - I Cor. 13:12 - Quando desprezamos
- Dom. 4 - I Cor. 13:13 - O maior
- Seg. 5 - I Cor. 15:10 - O milagre da graça
- Ter. 6 - I Cor. 15:14 - O Cristo ressuscitado
- Qua. 7 - I Cor. 16:13 - Viver como homem
- Qui. 8 - II Cor. 1:3,4 - Deus ajuda. Ajudai também
- Sex. 9 - II Cor. 4:7 - "Vasos de barro"
- Sáb. 10 - II Cor. 4:18 - Nesga de céu azul
- Dom. 11 - II Cor. 5:17 - Nova criatura
- Seg. 12 - II Cor. 8:10, 11 - Advertência aos indecisos
- Ter. 13 - II Cor. 9:6,7 - Maneira certa e errada
- Qua. 14 - II Cor. 11:14, 27 - Paulo arrosta a tempestade
- Qui. 15 - II Cor. 12:9, 10 - Paulo vence a fraqueza
- Sex. 16 - Gál. 1:8 - Evangelho de Paulo
- Sáb. 17 - Gál. 2:20 - Motivos de Paulo
- Dom. 18 - Gál. 2:11, 12 - Paulo opõe-se a Pedro
- Seg. 19 - Gál. 2:20 - Paulo fala d/ª. experiência
- Ter. 20 - Gál. 4:4,5 - Filhos adoptivos
- Qua. 21 - Gál. 5:14, 15 - Entendimento mútuo
- Qui. 22 - Gál. 5:22, 23 - Fruto do Espírito
- Sex. 23 - Gál. 5:26 - Pessoas que irritam
- Sáb. 24 - Gál. 6:1 - Que fazer c/os pecadores
- Dom. 25 - Gál. 6:2 - Levantar as cargas
- Seg. 26 - Efés. 1:15, 16 - Desejo de apreciação
- Ter. 27 - Efés. 2:4,5 - Por que estou aqui?
- Qua. 28 - Efés. 2:19-22 - Paulo descreve a Igreja
- Qui. 29 - Efés. 3:14-17 - O Cristo imanente
- Sex. 30 - Efés. 3:17-19 - Dimensões do amor de Deus
- Sáb. 31 - Efés. 5:33 - "Para amar e proteger"

estar-se operando um grande movimento — uma obra de reavivamento — em muitos lugares. Nosso povo acorria a seus postos, atendendo ao chamado de Deus." ("Serviço Cristão", pág. 42).

Mas, colegas do ministério, ainda não vimos a inteira medida do Espírito Santo com que podemos contar antes que a obra seja terminada e que o Salvador venha. Este derramamento intermitente do Espírito traz alegria aos nossos corações. O que acabamos de mencionar é apenas uma amostra. Que dia glorioso esse será! Que capítulo final do livro de Actos será escrito antes que venha o fim!

A hora está avançada! A hora da libertação de Deus está à nossa frente! O Espírito de Deus está em acção quer dentro quer fora da Igreja, mas ainda há muito que necessita ser feito — na Igreja, no mundo, na vossa vida, na minha vida. Não ousamos sentar-nos de braços cruzados. Mais do que nunca, devemos procurar o Senhor em arrependimento genuíno, em consagração total, em entrega incondicional.

↔

O PERÍODO PROFÉTICO DOS 1.260 DIAS DE DANIEL E APOCALIPSE

(Continuação da página 6)

BIBLIOGRAFIA

- 1 - S.D.A. Bible Commentary, vol. VII, p. 809
- 2 - Bible Annotée, Les Prophètes II, p. 331
- 3 - A. Vaucher, Lacunziana, Collonges, 1949, p. 43
- 4 - Paul Monceau, Hist. Litt. de l'Afrique, chap. II, p. 233, citado por A. Vaucher, Op. Cit., p. 45, 46
- 5 - A. Vaucher, Op. Cit., p. 47
- 6 - Idem
- 7 - Idem, p. 34
- 8 - Apocalipse 14:8
- 9 - S.D.A. Bible Commentary, vol. VII, p. 809
- 10 - The Evangelical Magazine, 1796 (Londres), vol. IV, p. 56, citado por Froom, The Prophetic Faith of Our Fathers, vol. II, p. 741, 742
- 11 - David Simpson, A Plea for Religion, p. 138, citado por Froom, Op. Cit., p. 776
- 12 - Froom, Op. Cit., p. 771
- 13 - Idem, p. 765
- 14 - Idem, p. 767
- 15 - Daniel 7:25
- 16 - Daniel 12:7
- 17 - Apocalipse 11:2
- 18 - Apocalipse 13:5
- 19 - Estudos Bíblicos, S. Paulo, p. 240
- 20 - W. A. Spicer, Notre Époque et la Destinée du Monde, Paris 1923, p. 147, 149
- 21 - J. Vuilleumier, l'Apocalypse, Dammarie Les-Lys, 1938, p. 162
- 22 - Apocalipse 12:14, 6
- 23 - E. G. White, O Conflito dos Séculos, Lisboa, p. 48
- 24 - J. Vuilleumier, Op. Cit., p. 161
- 25 - E. G. White, Op. Cit., p. 51, 53
- 26 - Broadbent, l'Eglise Ignorée à Travers les Ages, Nion, 1955, p. 102
- 27 - Idem, p. 149
- 28 - Idem, p. 138, 139
- 29 - Idem, p. 97
- 30 - Idem, p. 243, 245

↔

ANO BÍBLICO: De Zacarias 9 a S. João 9.

O ESPÍRITO DE SACRIFÍCIO

— Kenneth H. Emmerson —

DEUS convidou repetidas vezes o Seu povo no Antigo Testamento a sacrificar o seu tempo, talentos e bens materiais. Como resultado, beneficiaram espiritualmente e a obra do Senhor pôde progredir. Quando os israelitas responderam ao chamado de Deus para trazer uma oferta "para toda a obra" do santuário, eles assim fizeram com corações generosos. As ofertas foram tão abundantes que foi dito ao povo para não trazer mais. (Êx. 35, 36).

David pôs em evidência um princípio fundamental do acto de dar. Preparando-se para oferecer um sacrifício a Deus na esperança de, por esse meio, ser libertado da praga que então dizimava a nação, foram-lhe oferecidos bois para o holocausto e os trilhos e o aparelho dos bois para a lenha. Contudo ele recusou, dizendo: "Não, porém, por certo preço to comprarei, porque não oferecerei ao Senhor, meu Deus, holocaustos que me não custem nada". (II Samuel 24:24).

O objectivo espiritual supremo que David tinha em mente era o avanço da causa de Deus. Ele sabia contudo que esse objectivo só seria alcançado se lhe custasse um certo preço. Por outro lado, ele reconhecia que o objectivo atingido era de longe mais valioso do que qualquer sacrifício que ele tivesse de oferecer.

No Novo Testamento lemos que o acto de partilhar é considerado como um sacrifício válido: "Não vos esqueçais da beneficência e comunicação (no grego *koinonia*, 'partilhar'), porque, com tais sacrifícios, Deus Se agrada". (Heb. 13:16). Assim é aqui apresentado um princípio básico para o cristão. Ele deve partilhar o que Deus lhe deu, seja muito ou pouco, especialmente com os que não têm a bem-aventurada esperança que impele a fazê-lo.

O EXEMPLO DE CRISTO

Os cristãos primitivos tinham-se dedicado inteiramente a seguir o exemplo de Cristo. Fora-lhes dado o exemplo de sacrifício "quando Se ofereceu a Si mesmo". (Heb. 7:27). No seu zelo inicial, "todos os que possuíam herdades ou terras, vendendo-as, traziam o preço do que fora vendido, e o depositavam aos pés dos apóstolos". (Act. 4:34, 35).

Com corações cheios de amor e gratidão para com Deus, os crentes da Macedónia "deram-se primeiramente ao Senhor" (II Cor.

8:5) e da "abundância da sua alegria e profunda pobreza" (II Cor. 8:2) deram abundantemente a fim de partilhar a sua riqueza limitada com os que tinham menos.

Num mundo de materialismo alguns são levados a pôr de parte a instrução dada na Bíblia acerca do sacrifício. Dizem: "Isso diz respeito aos outros, não a mim! Que posso eu? Certamente não tenho mais do que o indispensável". Podem ser tentados a considerar como sacrifício o facto de possuírem apenas um televisor em vez de dois; ou, talvez, terem de viver apenas com um automóvel, embora isso por vezes seja inconveniente.

Que significa o termo sacrifício hoje, para vós e para mim? Espera Deus que esqueçamos os caminhos estabelecidos nas Escrituras e os substituamos por outros mais compatíveis com os dias que atravessamos?

Nos tempos primitivos da Igreja Adventista o desejo ardente de levar a terceira mensagem angélica foi tão intenso que os nossos pioneiros nenhum sacrifício era considerado demasiado. A Igreja teve os seus começos em plena fé, extrema pobreza e sem os confortos e fundos que nós hoje consideramos indispensáveis. "Pobreza, fraqueza, e grandes desânimos constituíram a nossa parte na história primitiva da causa" — escreve Tiago White nas suas memórias. "No Outono de 1847, o irmão Joseph Bates dedicou-se à tarefa de escrever uma obra de mais de cem páginas, possuindo apenas uma pequena moeda no seu bolso. Entretanto eu cortava lenha para ter assim o meu pão quotidiano, a fim de sustentar a minha pequena família. Nós dois estávamos sós no ensino público do Sábado." — ("Life Incidents", pág. 269).

O PRINCÍPIO DO SACRIFÍCIO

Por meio destas experiências podemos compreender o profundo significado das afirmações feitas pela serva do Senhor quando escreveu: "A Igreja cristã foi fundada sobre o princípio do sacrifício". ("Testimonies", vol. V, pág. 307). "Nos primeiros dias da pregação da mensagem muitos dos nossos crentes possuíam um espírito de abnegação e de sacrifício. Assim o nosso começo foi ideal, e o sucesso seguiu-se aos

(Continua na página 17)